

Fontes limpas desafiam a economia

Transição energética representa um avanço para mitigar as mudanças climáticas. Desafio é encontrar o equilíbrio no custo x benefício

MARIA CAROLINA RAMOS
COLABORADORA

A adoção de fontes limpas de energia pode significar uma grande oportunidade para um mundo melhor e para bons negócios, apesar dos desafios dessa transição serem significativos, mas não intransponíveis. Esse debate foi apresentado durante o encontro da Agenda ESG do Grupo Tribuna, promovido na última terça-feira, reunindo especialistas de diferentes áreas no auditório do Grupo.

O encontro contou com dois painéis e integrou a segunda edição da Agenda ESG, sigla que congrega três vertentes de um movimento que ganha cada vez mais adesão pelas empresas, pelo poder público e pela sociedade civil. A abreviatura vem do inglês Environmental, Social e Governance (Ambiental, Social e Governança).

MEIO AMBIENTE

Esse primeiro encontro teve como eixo o meio ambiente e apresentou o tema *Mudanças climáticas e transição para uma economia limpa*, discutindo principalmente o potencial dos biocombustíveis de energia renovável como alternativa ao uso de combustíveis fósseis.

Ao serem queimados, os combustíveis fósseis liberam dióxido de carbono (CO₂) e outros gases de efeito estufa (GEE), que retêm o calor na nossa atmosfera, causando o aquecimento global e as alterações climáticas.

“Uma janela de oportunidades se abre para a América Latina e, especialmente, para o Brasil em decorrência do momento que vivemos”, analisa o professor da FGV e sócio-fundador da GO Associados, Gesner Oliveira, que



Esta é a segunda edição do projeto Agenda ESG, uma iniciativa do Grupo Tribuna. No primeiro encontro, tema foi o meio ambiente



Esturaro: “Hidrogênio verde é a bola da vez”



Artur Villela: “Brasil pode ser líder mundial”



Gesner: “Uma janela de oportunidades”

mediou o encontro ao lado da jornalista Arminda Augusto, diretora de Projetos do Grupo Tribuna.

Ele se refere especialmente ao atual capitalismo de stakeholders, um conceito

que situa as empresas não apenas como otimizadoras de lucros de curto prazo para os acionistas, mas que também considera as necessidades de todas as partes interessadas: os acionistas,

os governantes, os consumidores, os colaboradores, os fornecedores e a comunidade de forma geral. “As empresas estão sedentas por grandes oportunidades que combinem infraestrut

tura e economia verde”, explica Gesner.

LÍDER EM ENERGIA LIMPA

A fala de Oliveira é reforçada pelo pesquisador do Centro de Economia da Infraes-

trutura e Soluções Ambientais da Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Artur Villela Ferreira, presente à discussão do primeiro painel do encontro, que teve como tema *Combustíveis verdes e seu impacto na cadeia produtiva das empresas*.

“Pela posição que ocupa, o Brasil tem todas as condições para se tornar líder dessa transição energética para o uso de energia limpa, com grande potencial de produção de biocombustíveis”, diz, referindo-se às condições privilegiadas de áreas, clima tropical, solo e regime de chuvas do País, entre outros fatores.

O escritor Ricardo Esturaro, autor do livro *Consumo verde - a construção de um mercado de massa sustentável* e participante do primeiro painel, corrobora as palavras de Ferreira. “Nossa matriz energética é quase 85% renovável, sendo representada em grande parte pelas hidrelétricas. Esse é um grande diferencial do nosso país quando comparamos aos titãs Estados Unidos, China e Europa”, comenta.

De acordo com ele, o hidrogênio verde é a “bola da vez” quando o assunto é energia limpa e o Brasil precisa correr para ter a chance de fazer a economia crescer e de atrair dinheiro. “Temos condições para isso. Uma cidade como Santos, por exemplo, tem a capacidade de desenvolver novos negócios baseados nessa economia limpa. O assunto sustentabilidade precisa ser reconhecido como uma variável econômica e, se isso for entendido, vamos correr atrás para fazer dar certo”.

Hidrogênio verde é caminho, mas precisa ser viável

De acordo com o escritor Ricardo Esturaro, a Ciência já explicou muito bem que o aumento dos gases de efeito estufa gerados pelas energias fósseis é a causa do aquecimento global e dos eventos de extremos climáticos. “Tudo isso está bem documentado e também já sabemos que o remédio é a descarbonização. Por outro lado, isso é complicado”.

Esturaro faz uma comparação: “aplicar esse remédio equivale a pegar um carro que está funcionando e trocar o motor dele enquanto ainda está em movimento. Portanto, por maior que seja a boa vontade do setor privado, não dá para mudar todo o processo sem saber se ele vai dar certo”.

Essa questão é ilustrada pela gerente de Comunicação Corporativa e Sustentabilidade da Santos Brasil, Bêatrice de Toledo Dupuy,



Para especialistas, ainda há um longo caminho até que o hidrogênio verde seja viável no Brasil

ao comentar sobre o hidrogênio verde. “Essa é uma nova fonte de energia e todos estão de olho, mas ainda está longe de se apresentar como uma solução viável para o business”, diz.

Ela pondera que, para o hidrogênio se tornar realidade no Brasil, são necessá-

rios quatro eixos: pesquisa e desenvolvimento, mão de obra qualificada, investimentos e uma política reguladora. “Sem entender de forma mais aprofundada questões como armazenamento e impactos, não dá para responder efetivamente se é uma solução. Além

disso, temos poucas pessoas que entendem realmente do que se trata. A Alemanha, por exemplo, trabalha há muito tempo com isso. Então, precisamos mandar o pessoal fazer doutorado lá fora e participar de projetos de hidrogênio já viabilizados”.

VÁCUO LEGAL

A ausência de leis que regulem o mercado brasileiro de hidrogênio também é outro entrave para a utilização efetiva desse combustível sustentável, na opinião da executiva.

Ela também explica que a tecnologia usada pela Santos Brasil não é nacional. “Não temos tecnologia para RTGs movidos a hidrogênio, por exemplo. Em paralelo, como empresa, temos que pagar os funcionários e fazer nossa operação funcionar e gerar lucro, além de pagar investidores. Precisamos fazer esse sistema funcionar, sempre pensando no meio ambiente e na sustentabilidade, além de trabalhar junto com fornecedores e clientes. É de fato um grande desafio”.

DESMATAMENTO

Outro desafio, este pontua-

do pelo pesquisador Artur Villela, é como tornar a economia capaz de atender essa demanda por fontes energéticas limpas. De acordo com ele, um dos principais desafios a ser resolvido é o desmatamento ilegal. “Esse é o calcanhar de Aquiles para toda nossa bioeconomia. Sem solucionar isso, teremos problemas, já que para ser um líder global precisamos de acesso a mercados mundiais porque não vamos produzir apenas internamente. Precisamos alcançar mercados com mais capitais porque são eles que vão pagar essa conta da transição energética”, explica. “Precisamos construir uma marca de País que não desmata e, ainda, sustentar a legalidade de todo esse processo”.